1 Introdução

O objetivo deste trabalho é o de demonstrar uma leitura de Górgias com base em diferentes perspectivas. Em um primeiro momento, nossa leitura é feita a partir da interpretação platônica sobre Górgias. Em seguida, identificamos Górgias através de análises feitas por comentadores. Contudo, antes de iniciarmos os caminhos aqui percorridos, é importante que apontemos ambas as leituras como complementares. Isto quer dizer que, indicamos a leitura platônica do retórico como um primeiro acesso ao seu pensamento, apresentando sua validade para compreensões futuras do pensamento de Górgias.

Através da divisão deste trabalho em dois capítulos foram traçados dois principais pontos: a leitura de Platão sobre Górgias em seu diálogo homônimo e a leitura geral dos textos de Górgias feita por Bruce McComiskey, chamada pelo autor de leitura holística¹.

No primeiro capítulo traçamos, inicialmente, uma análise feita por Andrew Stauffer em *The Unity of Plato's Gorgias*² da leitura platônica sobre a retórica de Górgias. Nesse sentido, podemos apontar alguns importantes elementos retirados da leitura platônica no diálogo *Górgias*, a saber:

Platão constata a ausência de conteúdo na arte retórica de Górgias, como vemos no trecho em que Górgias diz ser a arte retórica uma atividade que fala sobre qualquer assunto e ensina questões que tratam de bons resultados no discurso (456b). Podemos dizer, ainda, que Platão fala dos assuntos referentes à retórica como algo voltado apenas para a persuasão, fato por nós

¹ MCCOMISKEY, BRUCE., *Gorgias and the Art of Rhetoric: Toward a Holistic Reading of Extant Gorgianic Fragments*. Rhetoric Society Quartely. Vol. 27, n°. 4 (Autumn, 1997).

² STAUFFER, ANDREW., *The Unity of Plato's Gorgias. Rhetoric, Justice, and the Philosophic Life*. The University of Texas at Austin. Cambridge University Press. New York, 2006.

questionado no capítulo seguinte, partindo da leitura feita por Michael Gagarin em *Did the Sophists Aim to Persuade?*³

Vemos também que Platão considerou de extrema importância a relação da retórica com a justiça em 456 c - d e, nesse sentido, é atribuída grande responsabilidade ao retórico por suas atividades como professor. Ao reconhecer o poder que a retórica possui diante daqueles para quem o retórico ensina, Platão demonstra que não pode haver bom uso da retórica sem que se lance mão da justiça.

Outro importante momento a ser destacado, nesta leitura, é o que está ligado ao ponto em que o filósofo por vezes atribuiu o estatuto de arte para a retórica em 449 d e 453 d e depois retirou-lhe esse estatuto em 454 e – 455 a. Sobre essa questão, podemos dizer que é claro para nós que a intenção de Platão não é apenas a de apontar para os problemas da retórica, mas, principalmente, a de combater a maneira com que foi por Górgias utilizada.

No que se refere a identificação do pensamento de Górgias com base no contexto em que esteve inserido, podemos dizer que, com o surgimento de uma nova dimensão política do século V e da nova concepção do conceito de *arete*, houve uma ascensão necessária dos sofistas. Górgias, enquanto membro integrante deste movimento político e educacional, representou não apenas a maneira de pensar dos sofistas, como também a de se relacionar com a sociedade. No entanto, podemos dizer que Górgias, enquanto sofista, foi o maior representante da retórica, fato que pode ser ratificado pela própria análise de Platão no diálogo *Górgias*.

Górgias é identificado por Platão como um retórico e, de acordo com Guthrie⁴, há uma possível dissociação de Górgias com o ensino da *arete*, o que quer dizer que o retórico não se considerou um mestre da *arete*, mas sim um retórico. Esta questão obviamente pode ser relativizada. No entanto, nossa proposta é a de demonstrar que, ainda que Górgias tenha

³ GAGARIN, MICHAEL. *Did the Sophists Aim to Persuade?* University of California Press, Journal Division, Berkeley, 2000.

⁴ W. K. C. GUTHRIE. OS SOFISTAS. TRADUÇÃO, JOÃO REZENDE COSTA. SÃO PAULO; PAULUS, 1995; P, 46 - 47.

sim feito parte do movimento sofístico, destacou-se do movimento de maneira que pode ser lido como um retórico na concepção mais plena do termo, ainda que saibamos que os sofistas de maneira geral também lançaram mão de discursos retóricos.

Contudo, Platão não apenas identificou Górgias como um retórico, como também se fez evidente no diálogo uma tentativa por parte do filósofo de reabilitar a retórica, indicando as falhas de seu mau uso, com a intenção de apontar para uma boa retórica que poderia ser alcançada com o auxílio do que foi pelo filósofo identificado como artes mestras em 519 c - 520. Ao reconhecermos, portanto, a posição socrática como uma crítica à retórica de Górgias e como a tentativa de demonstrar a exigência de uma retórica, aproximamos o diálogo *Górgias* da *Apologia de Sócrates*. Traçamos, com isso, as distinções apontadas por Sócrates entre o retórico e o filósofo; questão que se evidencia já no diálogo *Górgias*, nas seções em que Sócrates dialoga com Polo e Cálicles.

Na *Apologia*, Sócrates deixa claro o que é para ele um discurso persuasivo baseado na retórica e um discurso verdadeiro baseado na filosofia. Contudo, apesar das diferenças apontadas por Sócrates entre o filósofo e o retórico, em ambos os diálogos, Marina McCoy⁵ nos fez ver que não há uma distinção completa do que é a retórica em contraposição à filosofia. Sócrates, além de ter utilizado seus recursos retóricos no diálogo, apresentou o que seria a boa retórica como uma parte importante das virtudes filosóficas. Seguindo também a análise comparativa dos diálogos *Górgias* e *Apologia* através da leitura apresentada por Gerald J. Biesecker⁶, no segundo capítulo, vemos que a Defesa de Sócrates e a de Palamedes diferem na maneira de se posicionarem perante a audiência e na relação com o discurso, empregando diferentes valores de verdade. Contudo, percebemos que o processo pelo qual os dois acusados

⁵ MCCOY, MARINA. *PLATO ON THE RHETORIC OF PHILOSOPHERS AND SOPHISTS*. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. NEW YORK. 2008.

⁶ MAST, GERALD J. BIESECKER; FORENSIC RHETORIC AND THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT: INNOCENCE, TRUTH, AND WISDOM IN GORGIA'S "PALAMEDES" AND PLATO'S "APOLOGY". RHETORIC SOCIETY QUARTERLY. VOL. 24, N° 3/4 SUMMER – AUTUMN, 1994.

passaram, fizeram com que ambos utilizassem importantes elementos retóricos, ainda que a partir de perspectivas distintas.

Iniciamos o segundo capítulo fazendo uma análise dos textos de Górgias a partir de uma leitura geral apresentada por Bruce McCmiskey. No que diz respeito a essa leitura, os textos *Tratado do Não Ente*, *Elogio de Helena* e *Defesa de Palamedes* são descritos da seguinte maneira: o *Tratado do Não Ente* exige uma ontologia não essencialista que se opõe às ontologias não essencialistas teorizadas pelos filósofos pré-socráticos. Nesse sentido, Górgias aponta para um limite sobre o acesso ao conhecimento das coisas. Ou seja, enquanto estamos nos comunicando, não falamos das realidades das coisas; o que falamos é apenas *logos* e, a partir da separação entre a coisa que o *logos* descreve e o *logos*, Górgias apresenta uma nova concepção da prática e ensino da arte retórica. Ainda que o texto não trate de uma teoria sobre a linguagem, mas sim de assuntos relacionados à ontologia e epistemologia, vemos, a partir dessa visão de mundo apresentada por Górgias, que a prática retórica foi posteriormente desenvolvida no *Elogio de Helena* e na *Defesa de Palamedes*. Estes últimos textos, apesar de fazerem parte do que identificamos por “teoria da retórica” possuem perspectivas distintas. Na *Defesa de Palamedes* há um uso positivo da retórica descrito como uma “ferramenta inventiva” e no *Elogio de Helena* há um uso negativo chamado de *peitho*⁷.

Ao utilizarmos a leitura holística do textos de Górgias, podemos dizer que, ainda que o retórico tenha usado a palavra *Aletheia* no *Elogio de Helena*, seu significado está vinculado a uma concepção de verdade relativa, que de forma alguma separa-se da leitura do *Tratado do Não Ente*. Contudo, este sentido de *Aletheia*, ligado à verdade no discurso, aceita a ideia do erro (*pseude*) como um elemento constituinte do discurso oposto à verdade.

Diante das avaliações dos textos de Górgias e da visão geral que nos possibilita identificar sua atividade retórica, podemos dizer que a leitura de Platão sobre o retórico perde sua força na medida em que

⁷ MCCOMISKEY, BRUCE., *Gorgias and the Art of Rhetoric...*

destitui da retórica de Górgias o estatuto de arte. Veremos que Gerald Biesecker⁸ demonstra a necessidade de nos desvincularmos das análises feitas pelo filósofo no que diz respeito à retórica de Górgias, e McComiskey⁹ diz que para Platão a arte é apenas o que se funda no saber universal e, por isso, aceitar sua leitura sobre a concepção de arte faria com que desvinculássemos da arte retórica este mesmo estatuto, fato que descartaria, conseqüentemente, a leitura holística.

Sendo assim, podemos dizer que a leitura de Platão nos faz ter acesso ao pensamento de Górgias a partir do momento em que insere na tradição não apenas sua interpretação sobre o retórico, mas principalmente pela criação do próprio conceito de retórica, como nos faz ver Edward Schiappa¹⁰ e que, a partir de uma releitura deste conceito, vemos que Górgias esteve não apenas preocupado em persuadir através do discurso, mas sim que seus textos estiveram dotados de elementos vinculados ao desenvolvimento da arte retórica com base em uma visão de mundo.

⁸ MAST, GERALD J. BIESECKER; FORENSIC RHETORIC AND THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT: INNOCENCE, TRUTH, AND WISDOM IN GORGIA'S "PALAMEDES" AND PLATO'S "APOLOGY". RHETORIC SOCIETY QUARTERLY. VOL. 24, N° 3/4 SUMMER – AUTUMN, 1994.

⁹ MCCOMISKEY, BRUCE., *Gorgias and the Art of Rhetoric...*

¹⁰ SCHIAPPA, EDWARD. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*; Yale University Press. Londres.